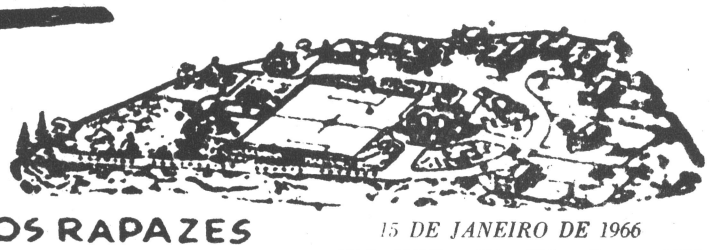
O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

15 DE JANEIRO DE 1966
ANO XXII — N.º 570 — Preço 1$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS
FUNDADOR: Padre Américo
VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

BELEM

No decorrer destes primeiros 7 anos de vida da Obra, cheios de problemas e dificuldades, a minha grande desilusão radica-se no facto de, até hoje, não ter aparecido quem queira partilhar comigo a carga de responsabilidades que continuo a aguentar sòzinha. Uma doação total e sem reservas de alguém com idade e saúde e as aptidões indispensáveis ao desempenho da missão de educadora dentro da Obra.

Como desde o princípio, eu continuo a ser, em Belém: na Casa, a dona de casa; para as Belenitas, a Mãe e o Pai de Família; para as entidades oficiais e particulares, a Senhora Directora: para os visitantes desejosos de conhecer a Obra, a Fundadora; para os trabalhadores da quinta, a feitora: para os leitores deste, a cronista (e que cronista falhada!).

Se eu, em colaboração com as minhas filhas, me pudesse dar ao cumprimento meticuloso dos afazeres caseiros, como dona de casa e mãe de família, nisso gastaria todo o meu dia e que escola não seria para as Belenitas!

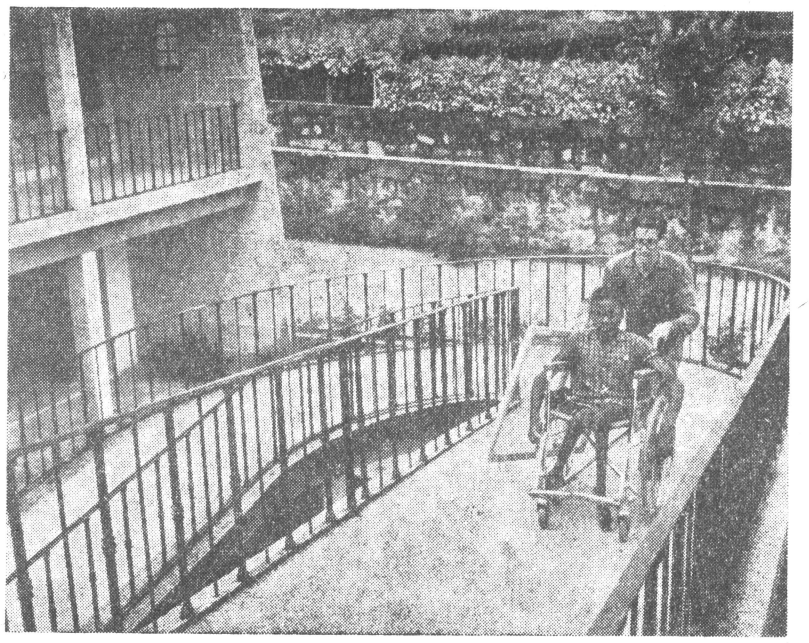
Se viesse a entrar em cheio no desempenho dos meus encargos de Fundadora, promovendo o constante desenvolvimento da Obra e tornando-a mais e mais conhecida, todos os dias da minha vida não chegariam para escutar quanto tenho em mente.

Se eu tomasse a peito corresponder a todo o interesse e carinho dos Amigos e Benfeitores, responder a todas as suas cartas e também aproveitar as sugestões que os mesmos me têm dado, nisso seriam muito bem empregadas as horas do meu dia.

Se eu voltasse toda a minha atenção para a exploração da nossa quinta, de modo a tirar da mesma todo o rendimento possível e dela fazer escola de iniciação para as Belenitas, na agricultura, avicultura, pecuária, apicultura, sei lá... até na indústria e no comércio, todo o tempo me seria pouco.

Se eu pudesse dispôr dos meus dias inteirinhos para rodear minhas filhas de todos os cuidados de que carecem (são actualmente 22, dos 3 aos 16 anos...), ser enfermeira de corpos e almas; andar pelos tribunais, à procura de solução para certos problemas familiares que amanhã as farão correr graves riscos morais; ir às próprias terras de origem, verificar com os meus olhos a verdade de

CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA



UMA CADEIRA DE RODAS FAZ MUITO JEITO NO «CALVÁRIO». O BERNARDO QUE O DIGA. ELE AQUI VAI, PELAS MÃOS DO MANUEL.

O "OBRA DA RUA"

Bem quiséramos estivesse já na rua e na mão dos leitores. Mas a nossa vida ainda não permitiu. É um mar de trabalho na oficina! E eu gosto assim. **Mau seria o contrário...**

Caminhamos para o fim. A capa está impressa e vai ser vincada. Os livros prestes a ser aparados. «Caixa d'Óculos» e «Stick» ocupados na conferência de rótulos e a dar catanada no «Botas» por ter arreado tanta «bota» na sua escrituração. «Ora vejam lá se isto é obra de um estudante!» — remata «Caixa» com fina ironia.

Se este livro tem algo já que o distingue, leva mais, como selo, o esforço extraordinário da nossa malta em uma época de trabalho intensíssimo. Deus permita que pelo desejo de satisfazermos a ânsia de muitos não façamos perder o interesse de outros — **uma minoria amicíssima — que nos fornece trabalho tipográfico durante os 365 dias do ano. E que valor tem, no fundo, essa dedicação!**

Ainda agora eu meti bedelho na encadernação. Puxei por Cerqueira e Abílio e seus irmãos. Puxei por eles. E regressei contente ao meu posto por se encontrarem todos a postos. Se há alegria que satisfaça os mais velhos é, precisamente, o trabalho consciente dos irmãos mais novos. Fornece paz, alento e vigor — predicados que dão alma à nossa pequenez.

Os senhores tenham paciência. Não desesperem. A hora da saída aproxima-se cada vez mais.

Alto! Vejam lá como a ânsia cresce no arraial: vem no correio d'hoje uma carta do Pinhão a pedir um «Obra da Rua» até ao dia 10. Ó trabalhos! Eu ainda não a mostrei a ninguém. Era dirigida a mim. Não tardo, porém, a

Cont. na SEGUNDA página

Lar Operário em Lamego

A abertura do Lar está marcada para o dia 16 de Janeiro próximo. Deste cantinho de «O Gaiato» vai o convite para todos os conhecidos, Amigos e Benfeitores.

Ainda não se indicou a hora em que naquele dia virá Alguém abençoar a casa, os que se abrigam nela e os que por ela se interessam. A qualquer hora que cheguem, vêm sempre a tempo. Era até muito bom que toda a hora e todos os dias fossem considerados de «inauguração». Por este motivo, de manhã até à noite, estará a porta aberta. Ainda não começámos, mas já sentimos o carinho daqueles a quem chegou a notícia. Uns ajudam materialmente, outros indicam pessoas que nos possam auxiliar e outros dirigem-nos palavras de incitamento. Há no mundo ainda quem ame e se debruce sobre os que precisam. É necessário uma certa atenção para que os males dos outros não passem despercebidos, mas no coração de muitos homens encontramos bondade. Além das camas, vieram também cobertores e toalhas e mesas e bancos e o fogão. Alguém nos prometeu as cobertas e várias peças de louça.

A adaptação da casa para o Lar, ficou-nos por 7 contos e ainda só recebemos 3.000$00. Não duvidamos que venha pelo caminho o restante e os fornecedores disseram-nos para não estarmos preocupados com a data do pagamento. Os lençois importaram em 2.000$00.

Começam a chegar os pedidos de admissão e cada um traz a sua história. Hoje damos conhecimento de dois casos.

O pai dum rapaz de 16 anos, que em criança sofrera de paralisia vem falar do filho. Ainda bem que o mal foi benigno e deixou sòmente como vestígio fraqueza nos membros inferiores. Aparentemente o rapaz é saudável e trabalha na vinha. Havia sempre o cuidado de recomendar ao feitor que o não obrigasse a trabalhos pesados. Por este motivo recebia menos salário. Tivessem os pais possibilidades de conseguir que o filho aprendesse um ofício e sentiam-se felizes com isso. Surgiu a oportunidade do Lar e já escolheu: ou alfaiate ou sapateiro.

O outro caso é dum rapaz a quem faltam dois dedos numa das mãos. Anda a «ganhar o dia», mas é grande o esforço que faz para suprir aquela deficiência.

A aprendizagem de uma arte vinha suavisar um pouco o mal e já lhe dissemos que também podia vir para o Lar de S. Domingos. É da Penajoia.

CONTINUA NA QUARTA PÁGINA

Cantinho dos Rapazes

É sempre grato ao nosso coração a presença amiga dos de vós que andam por longe. E, louvado Deus!, que não temos de que nos queixar, pois foram muitos os que assim procederam.

Entre os vários cromos de Boas-Festas vindos de além Atlântico, um, por sobre a banal legenda impressa, trazia a mensagem pessoal do que o subscrevia:

«Que o Menino que vai nascer cresça em nós, se torne cada vez mais perigoso para o que temos de cumplicidade com o mundo e nos transforme em sinal de contradição».

Que apaixonante caminho a percorrer, este programa que o vosso irmão nos propõe! Que belo! Que profundidade nestas poucas palavras que Deus lhe inspirou!

1.º — **Que o Menino cresça em nós...**

Ele nasceu em nós uma vez, quando, pequenitos ainda, O recebemos como Dom fundamental, objectivo, na pia baptismal da nossa Paróquia.

Mas o fundamento não é a construção realizada. Recebido aquele, é necessário que esta seja erguida. E o filho de Deus ergue-se para o Pai, na medida em que cresce em si o Filho recebido como Dom fundamental. O nosso pôr pedra sobre pedra, ao longo dos anos de vida mortal, é a nossa parte, condição que determina Deus ao crescimento do Filho em nós, qual Pedra fundamental que é viva e se dilata e nos realiza adultos, mais perfeitamente filhos, imagem mais real do Pai, num só bloco.

A meta do nosso pôr pedra sobre pedra é realizar Ele a presença do Seu Filho em nós com tal pujança, que possamos dizer com a verdade de S. Paulo: «Já não sou eu que vivo; é Cristo que vive em mim». Ou então: «Viver para mim é Cristo».

2.º — **...se torne cada vez mais perigoso para o que temos de cumplicidade com o mundo...**

A realidade é que esta construção, humanamente realizada pedra por pedra, divinamente transformada em um só bloco, tende, até ao último instante da vida mortal, a ser pedra sobre pedra e pedra solta — «vaso quebradiço» que só o amor de Deus, apenas explicável porque Ele é o Amor, pode tornar «vaso de eleição».

É o mundo, em tudo aquilo que tem de rasteiro, de reino onde ao Demónio é consentido poder — é ele a força descendente, desagregadora que milita contra o esforço ascensional da nossa boa vontade enxertada pela Graça, que procura realizar, pedra a pedra, o que Deus fará mono-bloco.

Ora, sempre com a nossa boa-vontade se misturará algo de cumplicidade com o mundo, que ele atrai e promete para logo, embora tantas vezes desiluda. Este risco diminui na medida em que o espírito do mundo é substituido pelo espírito de Deus. O Demónio é o inimigo do homem. Cristo é o perigo do Demónio.

3.º — **...e nos transforme em sinal de contradição.**

Assim Jesus foi anunciado que o seria no dia da Apresentação no Templo. E foi. E é. Que admira, pois, que nós o sejamos também, se ao discípulo pertence ser como o Mestre e não mais que Ele?!

Ser sinal de contradição é realizar-se em nós o que Jesus pediu ao Pai para os seus Apóstolos, daquele e de todos os tempos: «Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do mal. Eles não são do mundo, assim como Eu também não sou do mundo. (...) Assim como Tu me enviaste ao mundo, também Eu os enviei ao mundo».

Estar e não ser — eis a essência da contradição. Estar no mundo, amar o mundo, porque somos enviados... Mas sem nos deixarmos prender nos laços do mundo.

Ser sinal de contradição é ser livre. É ir vencendo o transitório, tendo por estratégia a Fé e por arma a Caridade — ambos valores da Eternidade.

Objectivo difícil de atingir, só atingível na medida em que Jesus cresce em nós e vai unificando as pedrinhas dispersas que o nosso esforço ajunta.

«E Jesus crescia em sabedoria, em idade e em graça diante de Deus e diante dos homens»... «E Sua Mãe guardava todas estas coisas no Seu coração».

Que o Menino cresça dentro de cada um de nós para que nós cresçamos diante de Deus e dos homens e O façamos crescer em todos aqueles que têm coração de guardar estas coisas.

O «Obra da Rua»

Cont. da PRIMEIRA página

passar a dita a todos quantos dependem do seguimento da obra.

Ora se quem nos lê e não for assinante da nossa Editorial estiver a pulsar, também, não perca tempo. Remeta já, na volta, carta ou postal requisitando o livro. E ele seguirá na altura própria.

Júlio Mendes

ESCREVEMOS exactamente no dia do Santíssimo Nome de Jesus. Fazemo-lo de alma amargurada, por amor daqueles a quem queremos servir, mas já com uma paradoxal certeza esperançosa do raiar da aurora. Àquele fora do qual não há Salvação entregamos mais uma vez a Casa que nos foi confiada e pedimos-Lhe confiadamente a graça de um Padre, a quem possamos dar toda a nossa modesta colaboração, dentro da linha estabelecida por Pai Américo, na disponibilidade total de recursos da alma e do corpo. Que o Senhor nos ouça.

Aqui Lisboa

ALÉM da costumada melhoria operada no sector alimentar, com refeições de festa, tal quando se comemora um aniversário grande, procedemos hoje à benção da maquinaria vinda em 1965 para as nossas oficinas. Aos Rapazes explicámos o significado do acto, na perspectiva luminosa do Apóstolo dos gentios, não esquecendo os Instrumentos da misericórdia divina que foram os nossos Amigos. Ao fim e ao cabo, porém, tudo se procurou fazer «em Nome de Nosso Senhor Jesus Cristo» e isso explica iniludìvelmente o enriquecimento material processado.

.....

MÉDICA amiga da Obra telefona aflita em busca de solução para um caso lamentável. É que na clínica hospitalar onde trabalha urgia dar destino a um rapazinho que ali havia sido operado de urgência e não tinha ninguém que o recebesse. Pareceu-nos lógico perguntar se não existia no tal Hospital um serviço social adequado, pois não se compreende, para mais na Capital, que a acção hospitalar não inclua uma assistência social eficaz, integrada no conjunto. O problema acabou por ser resolvido, assim o julgamos, mas denota falta de coordenação e de eficácia nos serviços públicos em causa, que urge remediar, para lá da grandeza de espírito de quem por ele se interessou.

.....

O Menino Jesus não deixou de aceder aos nossos desejos... Alguém, após a leitura de «O Gaiato», telefonou-nos e diz para tratarmos de saber o preço da máquina de tricotar suspirada. Ontem, ao começar do ano de 66, entrega-nos um cheque de 6 mil! E nós, que merecíamos um carvão, fomos ouvidos! Louvado seja o Deus de Israel.

Padre Luiz

BARREDO

Na última vez, foram duas horas e meia, mais o nosso «Caparica», no número 56 da Fonte Taurina, sem sair à rua nem passar adiante. Há ali muito para ver e calar. E também para contar, mas fica para outra.

Desta, foi com o Júlio (Tira-Olhos) agora a caminho de Cabo Verde ao serviço da Pátria. «A vinda ao Barredo faz bem à gente. Havia de trazer sempre um consigo para eles verem e não se esquecerem», dizia ele a caminho do Lar.

A Rua do Barredo, sendo a que deu o nome a toda a zona, não é a mais marcada pela miséria. «Há aqui poucos pobres», dizia um carregador da Alfândega que ali mora há 50 anos. Começámos pelo Sr. Francisco maneta, quase cego, com a solidão e sofrimento adoçado pelos netos que lhe vão levar qualquer coisa. «Trabalhei mais de 50 anos nos barcos. Cheguei a mestre de fragata; mas o meu sindicato foi dissolvido e hoje podia ter uma reforma e não tenho».

A seguir, num canto duma escada, uma vèlhinha consumida pelos anos e doença.

Fomos ao Sr. Vitorino, agora mais bem disposto. Logo adiante uma viúva, prostrada na cama, com reumatismo articular. «É a minha netinha (dez anos) que me dá as voltas». Outra neta, hidrocéfala e paralítica, mora ali à beira. Mais chegada à escada, outra paralítica. Sentei-me um pouco com a Sra. Carlota que nos mostra as consoadas que recebeu da Conferência e da Junta. E depois uma confidência: Aquele senhor de Aveiro mandou-lhe as Boas-Festas—«um cartão muito lindo. Eu não sei se me fica bem agradecer-lhe também, num cartãosinho, metido na cesta quando lha devolver. Ele manda-me uma coisa que eu nem sei comer. É isto (margarina) e estas bolachas. Mas eu tenho vergonha de dizer ao senhor que não mande. Porque eu não estou habituada a estas coisas tão boas». Prometi dar o recado ao senhor de Aveiro, agora na Figueira da Foz. Tem a bênção da Pobre pela certa, à sua espera no Céu. A Tia Carlota falou-me consolada e consolou-me.

Foi ali que demorámos mais tempo. Depois outra paralítica na Rua de Baixo e mais uma vizinha e outra mais acima. E o tio do nosso Ernesto que ao outro dia ia ser internado pela 4.ª vez. «Dão-me por curado mas afinal»... Como há-de ser doutro modo se a casa onde vive é cozinha, retrete e quarto ao mesmo tempo, com uma triste porta apenas, a dar para as escadas do Barredo?

E depois deste caso, uma mãe de muitos filhos que pediu calçado para eles.

E dali passámos à Fonte Taurina, n.º 48. Tudo famílias numerosas. O rapaz mais velho que conheço naquele prédio, tem 16 anos, anda a estudar à noite e comprometi as tuas ajudas para lhe pagar os estudos mais os livros.

A todos levámos algumas roupas, mais uns escudos, distribuidos consoante a miséria.

Já no número 56, depois de ter corrido o primeiro andar, passámos ao segundo. Acaba-se o dia, acabam-se as forças. Uma mãe de quatro filhos pede quase delirantemente uma casinha. «Eu só quero que me arranje uma casinha». Ela explica: «A minha filha (dez anos ou onze) dorme entre mim e o pai». Os filhos, um de dezassete («ele é um chanfrado», diz ela várias vezes) e dois mais novos, ficam no chão. «Dê-me uma casinha. Veio aqui a Vistoria para botar todos na rua. Dê-me uma casinha».

E como fazia tenção de vir de lá sem nada, quis deixar os últimos escudos ao mais necessitado. Tendo-lhe perguntado quem seria, respondeu: — «É tudo»! São todos!

Vistoria... — o que é a Vistoria?

Padre José Maria

BELEM

Cont. da PRIMEIRA página

informações que aqui chegam, juntamente com os pedidos de admissão, que frutuoso isso não seria para as interessadas, no presente e no futuro!

E poderia continuar esta exposição dos ses, mas creio que, por hoje, já chega para provar que Belém foi talhada em moldes grandes demais para que todo o seu programa de actividades possa ser cabalmente realizado por uma só pessoa. Basta uma curta reflexão sobre cada um dos parágrafos iniciados pela condicional, para verificar que aí se encerra programa de acção suficiente para encher uma vida.

Por isso, há que concluir que fica sempre muito mais por fazer do que aquilo que se faz. Vai-se fazendo o que não pode deixar de se fazer e muito imperfeitamente.

Enquanto vou travando sòzinha a minha luta, vou pensando se os caminhos que, desde o início, ambicionei para Belém, serão os mesmos escolhidos por Deus, pois é bem certo que «o Homem põe e Deus dispõe».

Deus sabe que, acima de tudo, desejo se cumpra a Sua Santa Vontade. Mas, o que muito receio, é que, também no caso de Belém, por rebeldia das criaturas à vontade do Criador, o ditado venha a ser invertido:

«Deus dispõe... mas o Homem tira»!

Inês — Belém — Viseu

Visado pela

Comissão de Censura

Outra carta de Roterdão

Não que seja esta a primeira após aquelas aqui publicadas duas quinzenas atrás. Desde então tem havido uma correspondência que revela a avidez de conhecer para que o amor algo extraordinário do nosso marítimo italiano vá encontrando a sua base lógica.

A carta de hoje, porém, traz-nos novidades que não podemos guardar, pelo que ela revela de fixação em um rumo tão extraordinàriamente escolhido e tão intensamente prosseguido. Ora vejam:

Rotterdam 27 - 12 - 1965

«Tengo el agrado de informarle que desde el 21 corr. estoi embarcado en el buque ingles «La Chacra» y como 2.º cocinero. Tengo la impresion que Nuestro Señor me consiguio este barco como premio y regalo de la S. Natividad y año nuevo.

Digo esto porque quando saliremo a la mar (dicen el dia 29) el puerto de destino lleva el Santo nombre de Corpus Christi *(U. S. A.). Tengo tambien el agrado de informarle que las fotos de Pai Americo que usted tuvo la amabilidad de mandarme, son las unicas fotos que adornan mi cabina y la tengo justo en frente a mi mesita en la que escrivo la presente carta.*

Empiesando en enero y asta todo el tiempo que estaré embarcado, la compañia le mandará todos los fines de meses, 59 Libras Esterlinas.

Mi sueldo es de 59 Libras mensales, perõ con horas extra y demas derechos pienso que ganarê 90 Libras mas o meno.

Termino con mandarle mis angurios de un feliz Año nuevo como tambien a todos sus colaboradores e todos os Gaiatos, y a toda la familia de «La Obra».

Con um grande abraso».

Um fundo religioso é o grande princípio animador do nosso homem. Foi com intenção de agradecer ao Senhor favores recebidos, que, na linha do amor do próximo, ele transferiu todas as economias que guardava em Oslo. Hoje manifesta a sua alegria porque o primeiro porto de destino neste seu novo emprego «lleva el Santo nombre de *Corpus Christi*». Até em relação à Obra, com a sua origem e o seu alicerce no SS.mo Nome de Jesus, esta coincidência é interessante! Em relação à Obra e ao tempo de Natal, em que se celebra a Festa do SS.mo Nome de Jesus!

Permanece, porém, difícil de compreender, o lugar que, sùbitamente, Pai Américo e a Obra tomam no espírito do nosso heroi: «Las fotos de Pai Americo, son las unicas fotos que adornan mi cabina».

E que dizer deste despojar-se mensal de 50 libras, ele que ganha de seu salário apenas 59 e não pensa, «con horas extra y demas derechos» ir além das 90?! Ainda assim, com os extras, nem sequer guarda para si tanto como o que dá!

É preciso ser desprendido! Mas a «loucura» da Santa Pobreza é mesmo loucura se não fôr por amor! O que o terá levado a amar-nos com um amor tão inesperado, tão intenso?!

Ainda o tempo do Natal nos faz lembrar o episódio dos Magos. Tão longe que foi brilhar a «estrela» de Jesus, a homens tão distantes pela raça, pela condição, pela cultura! É o primeiro indício do destino universal da vinda de Jesus. E os Magos vieram, sabendo apenas que «aquela» luz era sinal da Luz. E amaram O que é a Luz antes mesmo que O vissem, que O conhecessem.

Este marítimo italiano não nos viu, não nos conhece bem. Conhece e ama Jesus. No pouco que a Obra lhe foi mostrado ele viu um pequenino luzeiro e reconheceu-o sinal da Luz. Por isso nos amou e vem lá de longe, com a sua oferta, sobretudo com o seu coração — «Las fotos de Pai Americo son las unicas que adornan mi cabina».

Senhor, que responsabilidade Tu nos dás; que peso assumem a nossa pequenez, as nossas sombras interiores — se na verdade Tu Te serves da nossa face para reflectires a Luz que és!

Do que nós necessitamos

Graças a Deus, pelos que não se esquecem da Obra da Rua — Casas do Gaiato e de outras actividades assistenciais, ontem, hoje e sempre, e muito em especial na quadra festiva que atravessamos.

E vamos ao rol. Não vai tudo o que nos chegou, por impossível. Mas, leitor amigo e compreensivo, se deste e não vês aqui o teu óbulo, tem a certeza que o recebemos.

De um «Casal Cursista», 1.700$00. Na passagem do 43.º aniversário da firma Polónio Basto & C.ª, 500$00. Donativos entregues em «O Comércio do Porto». Para o Barredo, 50$00. Família que nos visitou em vésperas de Natal, deixou roupas e 1.200$00. Mais um piano de um médico de Seixezelo — Gaia. De Paramos, 20$. Ass. 21.825 de João Belo com 1.000$00. E 200$00 de Coimbra. E mais 1.000$00 dos Senhores que em 1949 receberam o Pai Américo em S. Paulo. Daquele senhor Engenheiro que, ainda há tempos apareceu nesta coluna, novamente um cheque de 20 contos. Que o Senhor o recompense de tanto que nos tem ajudado.

«Alguém que vos ama», envia 100$. Do Entroncamento, 50$. O produto da venda de flores durante o ano, numa quinta amiga, rendeu-nos 1.510$00. Vários donativos entregues no Lar do Gaiato do Porto. De Ilhavo, 100$. Do Porto, 50$00. Livros de Coimbra. 18 metros de casimira de Benedito Barros & C.ª. Esta e outras ofertas são certinhas todos os anos e sempre na quadra natalícia. Mais roupas para rapazes e bébés, do Barreiro. Mais uma peça de fazenda para sobretudos, da Covilhã, da Fábrica de Lanifícios nas Poldras.

Muitas camisolas e meias da Fábrica de Malhas de Silvares, Santo Tirso. Cobertores de Serpa. Tomar com 50$00. Anónima com igual quantia. Roupas de Valença. De Aveiro, um vale de 320$00, oferta de um familiar residente na Suiça. Da Sociedade de Cristais, 200$00. Da Invicta, 140$. «Amargurada pelo dia 22» com duas presenças de 50$00. Mais o conhecido António, também presente duas vezes. E um cheque da Praça de Damão, com estas palavras amigas:

«Desejo a todos confiança para continuarem, aí, apesar do nosso silêncio, a certeza de que acompanhamos com todo o coração, cada uma em separado, as vossas actividades, e a ideia mestra que rege todas — fraternidade, responsabilidade».

Do senhor Manuel da R. da Corticeira, a sua presença habitual e amiga. Amiguinha de Lisboa com 50$00. Alda com 100$00. Mais 50$00 da Capital. Do Porto, 50$00. Mais 20$00 de Santo Tirso. E pró Barredo, 500$00. Do sempre presente assinante de Rio Tinto, 100$00. Cabeceiras de Basto, com 40$00 de uma promessa. Mais roupas e remédios de Lisboa. E de C. Teixeira Gomes, L.da, camisolas tirones. E novamente Rio Tinto com mais vestuário. A esta Senhora informamos que sim, os tamanhos estão bem. Um casaco e uma camisa de Lamego. Da Empresa Industrial do Ouro, 500$00. Da Princol, 100$00 e uma caixa com 12 garrafas de Vinho do Porto. E anónimos com 500$00.

Família Oliveira, de Vila Nova de Gaia, com 500$00 e votos amigos de Natal alegre. Do Grémio das Oficinas de Reparações de Automóveis, 100$. Ferreira do Alentejo com 20$. Por intermédio do nosso mestre de alfaiataria, recebemos 40$00 de pessoa anónima. Mais 20$00 de Lisboa-1. Do Porto, 50$00. Mais 100$ pró Barredo, de «uma humilde operária». Um vale de 150$00 de algures. Luisa com 50$00. Castelo Branco com 20$. Do Lobito, 200$00. «Pela paz do Mundo», recebemos 100$00 de Sintra. 50$00 de Figueiró. Ass. 32910 com 100$00. É um ror de encomendas e uma carapuçada de donativos chegados do Espelho da Moda, que a vossa generosidade lá deposita.

Material para a nossa sapataria, da Sociedade Portuense de Curtumes. 70$00 de alguém. «Por alma do Manel», 100$00. Uma cadeira de rodas para doente do Calvário, da esposa do ass. 26526. Sim, minha senhora, a cadeira foi utilíssima. De uma promessa, 475$00. Roupas do Porto. E cá está a Senhora das camisolas, que não se esquece nunca, e todos os anos aparece. A última remessa foi de 30 delas, e sempre com muita amizade e muito amor. De Moçâmedes, 50 angolares. Dos «20 Estrelas de S. Lázaro», 546$. Vilar Formoso com 100$. Mais uma caixa de 12 garrafas de vinho do Porto, e muita simpatia de Manuel D. Poças Júnior, L.da. Estes amigos, além do carinho que nos dedicam, dão muito trabalho às nossas oficinas gráficas.

De Chaves, um cheque de mil. Anónima C. S. com 200$. Mais uma promessa com 100$00. E de Rio Tinto, 1.323$50, metade do ganho numa aposta do Totobola, de uma pequenita que não esqueceu a Casa do Gaiato. 500$ de Tomar. Dum assinante, 700$, «para o que mais necessário for». Do Pessoal da Fábrica de Tecelagem e Fiação do Jacinto, com a «mensagem de Natal» que nos trouxe 1.080$00. Ainda duma operária da mesma fábrica, 20$00. Ass. 29405, cá vai com 20$00. Lisboa com 50$00. E Paços de Brandão com 1.000$. «Para o mais Pobre dos Pobres», 120$00. Um assinante envia 50$00 para ajuda das batatas dos «batatas». E o silêncio de sempre da R. da Madalena, com duas presenças. Um rico lote de meias e roupa interior, de Malhas Invicta.

Atenção Luanda, amigo R. Lemos. Está muito bem, como tem feito em seus depósitos. Obrigado e que o nosso bom Deus o ajude. Aveiro com 100$. De Espinho, M. G. envia 50$. Mais 500$00 de Castelo Branco. Da Famatex, de Stuttgart (Alemanha) 500 marcos e muita simpatia que lhes merece a Obra da Rua. De Santarém, Médico amigo envia embalagens com medicamentos, que muito jeito nos fazem. «Uma mãe e

Continua na QUARTA página

PELAS CASAS DO GAIATO

BENGUELA

Caríssimos leitores: peço-vos imensas desculpas pelo atraso que houve nas crónicas de Benguela.

NATAL — Para muitos esta palavra infelizmente significa um momento pagão em que se não pensa noutra coisa senão nas batatas com bacalhau, vinho, etc.. Porém, para nós, Cristãos, o verdadeiro sentido desta palavra é muito diferente. Um Natal para ser verdadeiro tem que se dividir em duas partes que são: parte espiritual e parte material. Para ele ser feliz tem que se viver estas duas partes e graças a Deus foi o que aconteceu com todos nós; cada um procurou construir o seu presépio lá por dentro, um presépio que não é feito de musgo, nem de pedras, mas sim da graça divina. Depois, fomos à parte material em que não faltou alegria, convivência, boa disposição, etc.: batatas, bacalhau, doçaria de toda a qualidade, e respectiva Nocal. Enfim, na nossa casa um mar de coisas incontáveis. Depois, parece que se apalpava a alegria que ia nos rostos. Quem sabe se para alguns era o primeiro Natal passado daquela maneira! O Américo e a Olímpia foram os técnicos de uma boa parte dos doces que toda a rapaziada saboreou com muito apetite. Estiveram presentes no nosso Natal as recordações dos nossos soldados que se debatem nestas terras do Ultramar, que talvez nem sequer passassem o Natal debaixo de telha. Que Deus os tenha ajudado! Em nome de todos os Gaiatos de Benguela fica aqui impresso o nosso muito obrigado a todos os senhores que contribuiram para que o nosso Natal fosse feliz. Portanto, mais uma vez, muito obrigado.

OBRAS — Só quem ainda não viu a nossa Casa-Mãe é que lhe custa compreender como pode ser possível ela estar como está. Até dá gosto vê-la ao longe. Parece sorridente para nós, mas... se fosse só ela! Atrás dela já está bem alta a nossa padaria, lavandaria, armazém para sacos, garagem, etc.. Tudo isto no mesmo período de tempo é muito fácil compreender: os prédios vão daquela maneira porque temos tido o amor de Deus e Deus manifesta-se por intermédio dos vossos corações generosos. É só isto, mais nada. Como podia ser possível os prédios estarem a subir como estão se os de dentro não merecessem? Como é que Deus podia abrir os vossos corações? Mas se assim é, é porque existe cá o amor fraterno de uns para os outros.

Continuem, meus Senhores, a mandar tudo que pertença a obras. Não haja distracções porque ainda nos falta muita coisa.

António Augusto

CALVÁRIO

Quando escrevo estas linhas comemora-se em todo o mundo cristão o nascimento do Deus-Menino. Uns de uma forma e outros doutra.

Mas a lembrança predomina nos cristãos como o princípio do resgate do género humano. E também nos vem recordando que os homens, a partir dessa data, têm a salvação garantida se viverem com o mesmo espírito de fraternidade e amor no sacrifício como nos dá o exemplo a Sagrada Família.

O «Calvário» sendo o amparo de muitos doentes tem procurado esse caminho, apesar de tantas e variadas paragens de onde os doentes têm vindo. Tem sido uma família perfeita? Não! Só foi perfeita a de Nazaré. Vontade não tem faltado a quem orienta. Isso posso dar a certeza aos nossos amigos. Não para gloriar mas para que se compreenda assim o «Calvário».

Posto isto eis os factos; de como foi aqui passado o Natal. — Alegria interior pelo facto do Deus Menino vir a tantas almas; sofrimento moral pela lembrança de alguns, de factos que lhe eram queridos, pela circunstância de outrora viverem sem doença. Sofrimento físico pelas dores que afligem tantos nossos irmãos. E dia de glória por ser neste Santo Natal o termo de tanto sofrer cá na terra para mais um irmão nosso do «Calvário».

No dia 24 à noite juntámo-nos com os nossos rapazes no nosso belo salão de festas, no meio de agradável temperatura que irradiava da fogueira que se fez na lareira. Com o calor nem nos lembrava que estávamos no mês de Dezembro.

Os nossos rapazes davam vida nova entre a gente idosa e sofredora do «Calvário». Os jogos, ditos com bom humor, enfim o ar característico «Gaiato» dava outro tom ao ambiente.

Não faltou nesse salão, nessa noite, uma pequenina festa. Inteiramente preenchida com música e poesia. Neste assunto nós queremos destacar um auto de Natal. Um pequeno grupo de *batatas*, da nossa «Casa do Gaiato» cá do sítio saiu-se muito bem. Com gestos apropósito, graça, e, sem ensaios! Resta dizer, para esclarecer, que foram figurantes.

O tempo correu e eis chegada a hora da chamada «Missa da meia-noite». Renovação de energias, comendo-se coisitas feitas na cozinha. Depois disto eis tudo a caminho da Capela. Mesmo alguns que não têm ido noutras alturas acham-se com coragem apesar do sofrimento, para irem até à casa de Deus. Pois sendo mais amigos do comodismo poderiam seguir e acompanhar actos que iam seguir-se, pela instalação sonora. Quiseram que o seu sofrer fosse mais valioso para os outros. Retribuiram presentes com o Deus-Menino.

Como é dia de presentes também, Deus quis um presente do «Calvário». E bastante precioso foi, na medida em que veio dar o prémio, de gozar eternamente na Família do Céu, a quem tanto sofreu na terra. Mais uma luz no presépio. E com isto e com outros factos, assim foi passado o Natal de 1965.

Manuel Simões

Paço de Sousa

NATAL — Esta linda quadra, que todos os anos nos faz reviver o nascimento d'Aquele que, com Sua morte na Cruz, livrou e salvou da escravidão toda a Humanidade, foi este ano, como nos anteriores, vivido espiritual e materialmente por todos nós.

TEATRO — Todos os anos, após o jantar, o espaço compreendido entre este e a meia-noite, hora a que se inicia a chamada «Missa do Galo», é preenchido com a representação duma peça de teatro e variedades.

Este ano, com o Salão de Festas a transbordar (as entradas foram gratuitas...) os nossos rapazes apresentaram uma engraçada comédia que fez delirar a assistência.

ANO NOVO — As coisas velhas não nos agradam e por isso mesmo, queremos outras novas.

O ano de 65 já estava bastante velho. Desejávamos, pois, um novo. E veio o de 66... Ele surgiu, todo elegante, e... logo a mandar chover!

JANEIRAS — Este ano, um grupo de rapazes nossos, na maioria militares, resolveu ir cantar as Janeiras... Chegaram piores que o chapéu dum pobre e bastante «engripados»! Foi o nevoeiro...

A PROPÓSITO — Que horas tem o leitor que neste instante lê estas linhas? Quantas?! Está certo! O que não está certo é que nós não tenhamos um despertador que tanta falta nos faz. Eu não peço... Lembro apenas que precisamos dum! O resto, é convosco e com a vossa generosidade.

FAUSTO TEIXEIRA

MIRANDA

NATAL — Que o Natal tenha sido feliz e que o novo ano vos traga muitas prosperidades são os votos formulados pela nossa comunidade. O nosso Natal foi, como os demais anos, a nossa festa de família; procurámos festejá-la, embora de maneira simples, o melhor que pudemos.

A semana foi toda ela cheia de trabalho, de manhã à noite; cá em Casa, nestas ocasiões, é sempre assim. Entretanto chegou a sexta-feira à noite. Depois de tomarmos banho, entramos para o refeitório onde teve lugar a tradicional bacalhoada; alguns até pareciam trazer fome. Mas não é verdade! O que é, quando o «tacho» é melhorzito, a malta gosta de lhe atacar.

À meia-noite tocou para a Missa. Reunimo-nos na sala de televisão, e daqui, dirigimo-nos em cortejo litúrgico para a Capela. Com os rapazes iam também algumas pessoas nossas amigas e que nós convidamos. A Missa foi cantada e dialogada, isto é, cantada por dois coros: o dos miúdos e o dos grandes. Todos mostravam alegria. Cada qual era um presépio vivo a contracenar com a imagem daquele Presépio de há quase 2.000 anos: Jesus, que desceu do Céu e se fez Homem para nos salvar.

Seguidamente, fomos de novo para o refeitório, que neste dia tinha um ar festivo, enfeites nas paredes..., mas ainda estes não eram nada: os melhores eram os que se encontravam em cima da mesa: broínhas, filhós e outras coisas doces.

Depois de atestados, todos nos recolhemos em silêncio.

A manhã de 25 decorreu normalmente. O rancho foi melhorado. Da parte da tarde fizemos uma festazita que constou duma peça de teatro, uma comédia, à qual se seguiu um intervalo para mudança de cenários, e um pequeno acto de variedades. Os rapazes portaram-se à altura. Não somos profissionais, mas fizemos por contribuir para a boa disposição de quantos a ela assistiram. Destes, isto é, da assembleia, que nesse dia enchia a sala, não posso dizer o mesmo. Este e o ano passado tem-se verificado da parte desta um desrespeito que nos leva a crer não saberem onde se encontram e qual o motivo porque ali estão. Esperamos que de futuro tenham em consideração o trabalho dos rapazes, entre os quais os «batatitas», que se sacrificaram noites e noites seguidas com ensaios.

Para remate final, acabamos a nossa festa com o Terço. No meio de tudo isto, esquecia-me já de falar do nosso Presépio. Este ano resolvemos pôr na Capela apenas a Sagrada Família daquela noite de Belém.

Fizemos porém outro presépio, grande, à entrada da nossa Casa. Se por estes dias cá viessem fazer uma visita, por certo que acharão engraçado, pois este ano está até iluminado com um lindo jogo de lâmpadas.

António Ferreira da Silva

SETÚBAL

O NOSSO NATAL — Em vésperas, pusemos os sapatinhos e pedimos que o Menino entrasse dentro dos nossos maiores, e os acordasse na compreensão cristã do Natal.

Nós somos uma família cristã, e por isso a nossa preocupação da festividade espiritual. A carne morre, mas o espírito permanece, e é ele até que vela e rege os destinos da matéria.

Por vezes, não sabemos o que fazer para que os nossos rapazes compreendam e sintam esta festividade cristã.

Nós preocupamo-nos pela salvação dos maiores, e vamos temendo que os mais pequenos desperdicem o que lhes vamos incutindo do grande Amor do Presépio.

Todo o nosso esforço vai no sentido de que os nossos se façam em sabedoria cristã. Pai Américo diz-nos que todo o regresso a Nazaré é progresso social». Aqui a nossa dor, tantas vezes sufocada pela incompreensão de alguns e outras vezes alentada pela esperança com que vamos instruindo os mais novos. Eu quero dizer a todos, os de dentro e os de fora, a todos os irmãos que sentem ou não o Amor do Presépio, que o Natal deve ser o nascimento dum Homem novo, um Homem que não saiba daquilo que o define de humano, se vai elevando a pouco e pouco, com próprio esforço, à santidade gerada na humildade do Presépio. Esta santidade não é de orações vãs, é de viris presenças de sentimentos nas ocasiões que se deparam no nosso dia a dia. É no trabalho ou noutro lado, não importa, Cristo nasce sempre que nós queiramos, e nasce, para que «Eu» me sinta irmão dos outros, e me esforce por ser mais deles do que de mim. Nasce para que dialoguemos o seu Amor, para o qual quis nascer e mostrar-Se-nos.

OUTRO NATAL — Crisanto, está-se fazendo um empresário de primeira força. Ele redigiu a festa deste Natal, apesar das dificuldades de ensaiar e até do «terreno», ainda um nadinha sem adubo, Crisanto mais alguns de boa vontade fizeram a festa. Ai se eles quisessem!... Mesmo à bocadinho, iamos até à cidade passear, e ouvir da boca do «Picanço»: «A hora é da Juventude».

Quem dera que esta frase saísse de dentro: fosse sentida no valor real de quem a escreveu.

PRESÉPIOS — Este ano a coisa alargou-se um nadinha. À parte o presépio da comunidade, que teve a direcção do Justino, houve, além dos presépios construídos na escola com figuras de barro feitas por eles, houve o presépio da sapataria e o da vacaria. Pois então! A maternidade da vacaria tinha o seu presépio.

ERNESTO PINTO

Lar Operário em Lamego

Cont. da PRIMEIRA página

Não resistimos a contar um terceiro caso. O rapaz já está a trabalhar em Lamego como tipógrafo. Não o conhecemos, mas há dias falaram-nos nele e disseram que os pais o iam retirar porque não podiam dar os 300$ que mensalmente pagam pela comida. Também a este dissemos que tinha um lugar entre nós.

Iremos contando aos poucos, e por vezes a história de cada um. Faz-nos bem saber estas notícias para que não haja coragem de estragar em futilidades o que faz falta aos outros, e com eles saibamos repartir.

Terminamos informando que o Lar fica situado na Rua do Teatro, N.º 16, junto ao Banco Nacional Ultramarino. Também ali se podem fazer «depósitos» com juros extraordinários de 100 por um, a receber das mãos do Senhor, conforme promessa Sua.

Padre Duarte

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA **T. A. P.**
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Do que nós necessitamos

Cont. da TERCEIRA página

duas filhas» com 150$00. Dum Bispo missionário, 500$00. E. D. M. com 20$. Professora primária de Famalicão com a migalhinha de 20$00. E de um curso da Faculdade de Farmácia do Porto, que nos visitou e quis fazer connosco o seu magusto, 910$00.

Finalizo, com a presença de Helena, melhor dizendo, da «Senhora dos cobertores». E cá vai:

«Conforme prometido e enquanto o Senhor quiser, junto envio um vale de 5.000$00 para os cobertores».

Que para todos o Deus Menino esteja sempre presente, e que o Ano Novo seja de saúde, paz e felicidade.

E até sempre.

Manuel Pinto